

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ  
CURSO DE JORNALISMO**

**GLEDSON DIEGUES DA SILVA**

**LONGFORM: A Voz das Mulheres Batistas em Imperatriz – Uma História de Fé,  
Coragem e Legado**

**IMPERATRIZ/MA  
2025**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ  
CURSO DE JORNALISMO**

**GLEDSON DIEGUES DA SILVA**

**LONGFORM: A Voz das Mulheres Batistas em Imperatriz – Uma História de Fé,  
Coragem e Legado**

Relatório técnico-científico de TCC, sobre o produto jornalístico longform, apresentado à Universidade Federal do Maranhão como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof. Dra. Luciana da Silva Souza

**IMPERATRIZ/MA  
2025**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho, com profunda gratidão, à irmã Neusa Ataíde, cuja liderança silenciosa consolidou ministérios duradouros; à irmã Natividade, exemplo de compromisso com a formação cristã e lucidez teológica.

À irmã Creusa, cujo testemunho de afeto, gratidão e maternidade espiritual tocou profundamente minha percepção sobre discipulado, minha sincera homenagem. Este trabalho é também um tributo às muitas outras mulheres que, com humildade e constância, marcaram a história batista local.

Agradeço especialmente à minha esposa, Andreia Pereira Lima, pelo amor, paciência e apoio em cada etapa deste processo. Sua presença foi um alicerce constante em minha caminhada acadêmica e espiritual.

Aos meus pais, que sempre me orientaram ao estudo e ao conhecimento como caminhos de transformação e serviço ao próximo, minha eterna gratidão.

À minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciana da Silva Souza, por sua escuta atenta, orientação precisa e incentivo constante à excelência acadêmica. Sua contribuição foi essencial para a concretização deste projeto.

E aos demais professores que, ao longo da minha formação, ampliaram minha visão crítica e espiritual com dedicação e compromisso, deixo meu sincero reconhecimento.

Que este trabalho sirva não apenas como registro histórico, mas como instrumento de memória, valorização e inspiração para as gerações presentes e futuras.

## **AGRADECIMENTOS**

A realização deste Trabalho de Conclusão de Curso não seria possível sem o apoio, a inspiração e a contribuição de muitas pessoas às quais sou profundamente grato.

Agradeço, primeiramente, a Deus, fonte de toda sabedoria e direção, por sustentar cada etapa deste processo com graça e propósito.

À minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciana da Silva Souza, expresso meu sincero reconhecimento pela orientação segura, pelas observações criteriosas e pela sensibilidade acadêmica com que acompanhou esta pesquisa. Sua escuta atenta e incentivo constante foram fundamentais para o amadurecimento deste trabalho.

Agradeço também aos demais professores que, ao longo da minha formação, contribuíram de maneira significativa para a construção do meu pensamento crítico, ético e espiritual. Cada disciplina, cada debate e cada leitura sugerida ampliaram meu olhar sobre a realidade e sobre o papel da pesquisa na transformação social.

À minha esposa, Andreia Pereira Lima, minha profunda gratidão pelo apoio incondicional, paciência e presença constante nos momentos de cansaço, dúvida e silêncio. Sua parceria foi essencial não apenas no aspecto pessoal, mas como incentivo espiritual e emocional ao longo da jornada.

Aos meus pais, que sempre valorizaram o estudo como caminho de dignidade e serviço, agradeço pelo exemplo de perseverança, fé e responsabilidade que moldaram minha trajetória desde os primeiros passos.

De forma especial, agradeço às irmãs Neusa Ataíde, Creusa e Natividade, cujas trajetórias pessoais, marcadas por serviço abnegado, liderança discreta e fidelidade ao chamado de Deus, representam com dignidade a contribuição histórica das mulheres na edificação da igreja local. Suas narrativas não apenas trouxeram profundidade à pesquisa, mas também provocaram reflexões existenciais que ultrapassam o campo acadêmico.

Por fim, agradeço à instituição que me acolheu e ofereceu os recursos necessários para a realização desta etapa formativa. Que este trabalho possa retribuir, ao menos em parte, todo o investimento de tempo, confiança e ensino dedicado à minha formação.

## **RESUMO**

Este relatório técnico-científico apresenta o desenvolvimento de um produto jornalístico no formato longform. O objetivo deste produto foi contar a história da Igreja Batista em Imperatriz, Maranhão, sob o olhar de três mulheres que foram e ainda são parte da chegada, desenvolvimento e manutenção amorosa e firme da Igreja Batista em Imperatriz. Seguindo os preceitos jornalísticos sobre reportagem e entrevista jornalística (Lage, 1979; Sodré e Ferrari, 1986), o produto é apresentado numa página na internet e este relatório apresenta o percurso vivido em sua produção.

**Palavras-chave:** longform; entrevista; Igreja Batista; mulheres; Imperatriz

## **ABSTRACT**

This technical-scientific report presents the development of a longform journalistic product. The objective of this product was to tell the story of the Baptist Church in Imperatriz, Maranhão, through the eyes of three women who were and still are part of its arrival, development, and loving and steadfast maintenance. Following journalistic precepts on reporting and journalistic interviews (Lage, 1979; Sodré and Ferrari, 1986), the product is presented on a webpage, and this report presents the journey experienced in its production.

**Keywords:** longform; interview; Baptist Church; women; Imperatriz

## SUMÁRIO

|                                                                                                    |           |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                                                            | <b>8</b>  |
| <b>METODOLOGIA .....</b>                                                                           | <b>10</b> |
| <b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>                                                                 | <b>11</b> |
| <b>A Contribuição dos Batistas para a Sociedade Brasileira: Fé, Educação e Solidariedade .....</b> | <b>11</b> |
| <b>No Maranhão .....</b>                                                                           | <b>12</b> |
| <b>O Jornalismo Longform – Um Caminho Narrativo em Construção .....</b>                            | <b>13</b> |
| <b>A Reportagem – Narrativa que Respira Realidade .....</b>                                        | <b>15</b> |
| <b>ESTRUTURA DO PRODUTO.....</b>                                                                   | <b>18</b> |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                                                   | <b>22</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>                                                                           | <b>24</b> |

## INTRODUÇÃO

Desde o início deste projeto, meu desejo e meu objetivo era contar a história do trabalho batista em Imperatriz por meio de uma narrativa sensível e profunda, que honrasse a trajetória de fé e serviço daqueles que foram pioneiros na evangelização desta cidade. A ideia inicial era produzir um livro-reportagem centrado na figura do casal missionário pastor João Paulo Ataíde e irmã Neusa Ataíde, reconhecidos por sua dedicação incansável à obra cristã no sul do Maranhão. Esse formato me parecia o mais apropriado para registrar a memória de um legado tão relevante, especialmente por meio de entrevistas com pessoas que vivenciaram ou foram impactadas diretamente por esse trabalho.

Contudo, à medida que as entrevistas se desenvolveram e que novas vozes femininas foram sendo ouvidas — como a da irmã Creusa e da irmã Natividade —, percebi que a história da Primeira Igreja Batista em Imperatriz ia muito além do casal missionário. Não que o protagonismo deles deva ser diminuído — ao contrário, o pastor Ataíde e a irmã Neusa são pilares incontestáveis dessa história —, mas ficou claro para mim que havia uma presença igualmente forte e silenciosa que permeava toda a narrativa: a das mulheres batistas. Essas mulheres foram muito mais do que coadjuvantes; foram líderes, educadoras, discipuladoras e sustentadoras de um trabalho que, ao longo dos anos, impactou centenas de vidas.

Essa descoberta mudou completamente a direção do projeto. O que era para ser um livro-reportagem centrado em dois personagens passou a ser uma grande reportagem dedicada ao trabalho da mulher batista em Imperatriz. E essa mudança não foi apenas editorial, mas foi uma decisão que partiu do coração, fruto da escuta atenta e sensível às histórias que emergiam com força e profundidade. O desprendimento da irmã Neusa, sua coragem ao deixar tudo para trás para acompanhar o esposo a uma cidade desconhecida, sem garantias financeiras, com apenas duas redes e uma mala, foi a semente de uma obra que floresceu com a ajuda de tantas outras mulheres. Ao seu lado e depois dela, outras líderes se levantaram e mantiveram acesa a chama da fé, da missão e do serviço.

Todas essas experiências transformaram não apenas o rumo do projeto, mas também a minha visão sobre a importância da memória e do registro oral na construção da identidade religiosa de uma comunidade. A produção do site, com seus textos, fotos e relatos, tornou-se um espaço de homenagem e também de inspiração, especialmente para as novas gerações de mulheres batistas. A escolha por destacar o protagonismo feminino não foi apenas uma decisão



editorial, mas um compromisso ético e espiritual com a verdade dos fatos e com o legado deixado por essas mulheres.

Esse trabalho, embora pequeno diante da grandiosidade do tema, é fruto de um mergulho profundo na história de fé que moldou a Primeira Igreja Batista em Imperatriz. Mais do que um produto final, ele é um convite à escuta, à valorização da memória e ao reconhecimento da importância das mulheres na história da igreja. Se hoje temos templos, ministérios e comunidades organizadas, é porque muitas mulheres — muitas vezes anônimas — dedicaram suas vidas em oração, serviço e amor ao próximo.

Dessa forma, neste relatório, apresento meu percurso pessoal, acadêmico e profissional na produção desta grande reportagem. A seguir, apresento o referencial teórico consultado, a metodologia empregada e como foi produzir este relato.

## **METODOLOGIA**

A metodologia que permeou o desenvolvimento do produto em si se caracteriza pela técnica de entrevista jornalística para produção de reportagem em formato longform. Mais à frente, no referencial teórico, apresento o referencial consultado para o desenvolvimento do trabalho. E, neste processo da produção do referencial teórico, foi por meio de pesquisa bibliográfica no referencial acadêmico sobre gêneros jornalísticos. Além disso, trago um breve relato sobre o histórico da Igreja Batista no Brasil e no Maranhão, também relatados em livros históricos de referência sobre a história da Igreja Batista.

Segundo Markoni e Lakatos (2017) “Pesquisa bibliográfica é um tipo específico de produção científica: é feita com base em textos, como livros, artigos científicos, ensaios críticos, dicionários, enciclopédias, jornais, revistas, resenhas, resumos” (n. p.). Entre as fases da pesquisa bibliográfica descritas pelas autoras, destaco: identificação; localização; compilação; fichamento; análise e interpretação. A partir da decisão de entrevistas as mulheres importantes para a história da Igreja em Imperatriz, isto é, com meu tema do produto definido, busquei identificar e localizar referencial teórico que me ajudasse neste processo. Em seguida, após leitura e fichamento dos textos selecionados, destacar o que seria necessário para este relatório.

A seguir, apresento o referencial sobre a Igreja Batista em Imperatriz e o embasamento teórico para a construção do produto longform.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **A Contribuição dos Batistas para a Sociedade Brasileira: Fé, Educação e Solidariedade**

Os batistas no Brasil representam um exemplo notável de como uma denominação religiosa pode exercer uma influência abrangente e profunda em diversas esferas da sociedade. Com uma história que remonta ao final do século XIX, sua chegada ao Brasil não apenas trouxe novos princípios religiosos, mas também se consolidou como um motor de mudanças sociais, educacionais e culturais. Ao longo dos anos, a contribuição dos batistas foi crucial para o desenvolvimento de um Brasil mais justo, educado e solidário.

A história dos batistas no Brasil começa em 1882, com a fundação da primeira igreja batista em Santa Bárbara d'Oeste, São Paulo, por imigrantes norte-americanos. Esse marco não apenas simbolizou o início da presença batista no país, mas também a introdução de práticas religiosas que seriam fundamentais para a vida cristã no Brasil, como o batismo por imersão e a autonomia das igrejas locais. Esses princípios moldaram a identidade das comunidades batistas, que, ao longo dos anos, se expandiram e se fortaleceram, formando uma rede de apoio e cooperação entre as igrejas e seus fiéis.

A criação da Convenção Batista Brasileira (CBB) em 1907 foi um passo decisivo para consolidar a presença batista no Brasil. Ao unir as igrejas em um único corpo organizacional, a CBB se tornou um pilar de apoio, não apenas no âmbito missionário, mas também no desenvolvimento de ações sociais e na promoção da educação teológica. Essa unidade permitiu que os batistas tivessem um impacto significativo em diversas regiões do Brasil, contribuindo para a disseminação do Evangelho, mas também para o fortalecimento de uma rede de apoio espiritual e social que se reflete até hoje.

Um dos maiores legados dos batistas no Brasil é a sua contribuição para a educação. A fundação de escolas e universidades ao longo dos anos teve um impacto duradouro na formação de milhares de brasileiros. Instituições como o Colégio Taylor Egídio, fundado em Salvador, hoje estabelecido em Jaguaquara Bahia, são um exemplo claro dessa vocação educacional. A qualidade de ensino das escolas batistas, que já formaram cerca de dois milhões de pessoas, é um reflexo do compromisso dos batistas com a educação de qualidade. Essas escolas não apenas oferecem educação, mas também formam cidadãos com valores cristãos, prontos para contribuir com a sociedade de maneira ética e comprometida.

Além da educação, os batistas no Brasil também se destacaram no campo da saúde e das ações sociais. A fundação de hospitais, bem como a implementação de programas voltados para os mais necessitados, demonstra uma preocupação genuína com o bem-estar social. A capacidade de promover mudanças concretas nas vidas das pessoas, por meio de serviços de saúde e apoio às comunidades em situação de vulnerabilidade, é uma das maiores virtudes dos batistas, como exemplo mais atual dessa atuação social temos as carretas missionárias que prestam atendimento médico e odontológico e outros mais necessários. Seu compromisso com a evangelização nunca foi limitado à esfera espiritual, mas sempre se expandiu para ações que buscam melhorar a qualidade de vida das pessoas e ajudar a construir uma sociedade mais justa.

A relevância dos batistas vai além de sua presença em solo brasileiro. Com um alcance global, representando cerca de 40 milhões de membros em aproximadamente 200 países, a denominação exerce uma influência espiritual e social que atinge centenas de milhões de pessoas ao redor do mundo. Essa presença global é um testemunho da força da fé batista e da sua capacidade de se adaptar e contribuir em diferentes contextos culturais e sociais.

Em suma, a história dos batistas no Brasil é uma história de compromisso com a fé, com a educação e com o serviço ao próximo. Ao longo dos anos, a denominação se estabeleceu como uma das maiores e mais influentes no país, não apenas no campo religioso, mas também como uma força transformadora na sociedade. Seus esforços em promover a educação, saúde e ações sociais têm deixado um legado duradouro que continuará a impactar as gerações futuras, fazendo dos batistas um pilar essencial na construção de uma sociedade mais justa e solidária.

## **No Maranhão**

No Maranhão o trabalho Batista começou em São Luís, em 23 de maio de 1908, quando nasceu a Primeira Igreja Batista de São Luís motivada pelo amor do Missionário sueco Erik Alfred Nelson (Eurico Nelson), o Apóstolo da Amazônia – Fundador de diversas igrejas batistas nas regiões norte e nordeste do Brasil.

A importância da Primeira Igreja Batista no Maranhão é inegável. A igreja iniciou com apenas nove membros, entre eles Paulo Barros e Manoel Gomes dos Santos (que se tornou o primeiro pastor), essa comunidade religiosa deu início a um movimento que impactaria profundamente a espiritualidade no estado.

O que impressiona nesse episódio é a perseverança de Nelson, que, mesmo enfrentando problemas de saúde, manteve seu compromisso com a evangelização. Sua chegada a São Luís representou não apenas um esforço missionário, mas também um marco na história religiosa do Maranhão. A rápida organização da igreja em apenas cinco meses demonstra a receptividade dos maranhenses à mensagem do evangelho.

Outro ponto que merece destaque é a criação da Convenção Batista Maranhense, que se deu em 1933 com a chegada do missionário Dr. T.B. Stover. Seu interesse em conhecer os obreiros locais e seu empenho na organização da Convenção demonstram uma preocupação legítima com a expansão e descentralização do trabalho missionário. Esse movimento foi essencial para dar estrutura ao crescimento da igreja no estado.

Portanto, tanto a fundação da Primeira Igreja Batista quanto a posterior criação da Convenção Batista Maranhense foram passos fundamentais para o fortalecimento do movimento evangélico no Maranhão. Esses acontecimentos demonstram como a fé, aliada à organização e ao comprometimento dos missionários, pode transformar a realidade de uma região.

## **O Jornalismo Longform – Um Caminho Narrativo em Construção**

Ao longo deste processo de pesquisa, fui descobrindo que, assim como as histórias de fé que me emocionaram no campo religioso, o jornalismo também abriga um espaço de profundidade, escuta e sensibilidade: o longform. Esse formato, que à primeira vista pode parecer apenas uma “reportagem longa”, na verdade me revelou uma nova forma de enxergar a narrativa jornalística. Uma forma que exige tempo, dedicação e, sobretudo, respeito pela complexidade da realidade.

O termo “longform” ganhou força no ambiente digital, mas sua essência ultrapassa qualquer moda passageira ou tendência técnica. Como nos lembra Fischer (2013), trata-se de um relato mais aprofundado, que se recusa a reduzir a experiência humana a blocos curtos e fragmentados de informação. Ele busca envolver o leitor, criar conexão, dar espaço para que as histórias respirem.

No início dos anos 2000, com os primeiros produtos multimídia, surgiram as tentativas (LONGHI; WINQUES, 2024).. De 2002 a 2011, os especiais multimídia foram sendo aprimorados. E, a partir de 2012, consolidou-se a grande reportagem multimídia como

conhecemos hoje. O marco simbólico dessa virada foi a reportagem “Snow Fall” (LONGHI, 2014)., do The New York Times, que em 2012 demonstrou ao mundo que era possível unir profundidade, design e emoção em uma única narrativa digital.

A essência do longform vai além da quantidade de palavras, envolvendo também a apuração, contextualização e aprofundamento do tema. Demanda uma leitura mais lenta e atenta, em contraste com a fragmentação de informações característica do início do jornalismo online. O formato se expandiu para além da reportagem multimídia tradicional, manifestando-se em diversos gêneros multimodais, como podcasts narrativos, newsletters narrativas e infográficos longform (LONGHI; WINQUES, 2015).

O longform me mostrou que o jornalismo pode, sim, ser profundo mesmo no meio digital — basta que haja compromisso com a apuração, com o contexto e, sobretudo, com o outro. A leitura, nesse formato, é mais lenta, mais contemplativa.

Ao final desta etapa, entendo que o jornalismo longform é mais do que um formato: é uma postura. Uma escolha por não simplificar o que é complexo, por não calar o que precisa ser dito, por não acelerar o que merece tempo. Assim como as mulheres batistas de Imperatriz, cujas histórias foram contadas com verdade e respeito, o longform também pede de nós uma escuta sem pressa, uma escrita sem atalhos e um olhar generoso sobre a experiência humana.

## **A Reportagem – Narrativa que Respira Realidade**

Durante meu percurso acadêmico e pessoal no jornalismo, descobri na reportagem um lugar de escuta e profundidade, que se assemelha muito ao que encontrei no longform e nas histórias de fé que venho pesquisando. A reportagem, enquanto gênero, sempre me pareceu mais do que uma técnica: é, antes de tudo, uma tentativa de compreender o mundo com olhos atentos e coração disponível.

Ela não se limita à função informativa, ainda que informe; vai além do factual e alcança o humano. Mesmo quando não é escrita em primeira pessoa, a reportagem carrega em si um tom de presença — de quem esteve, ouviu, sentiu e traduziu o que viu. Foi essa qualidade que me fez me aproximar mais profundamente do gênero.

A reportagem tem raízes antigas, mas seu desenvolvimento como gênero moderno se intensificou com o avanço das tecnologias de impressão no século XIX e a consolidação do capitalismo. Nos Estados Unidos, tornou-se uma ferramenta de disputa por leitores, justamente por sua capacidade de aprofundar os temas e contextualizar os fatos. No Brasil, nomes como Euclides da Cunha e João do Rio trouxeram à reportagem uma dimensão sensível e investigativa.

Lage (2006) chama esse período de “época das revelações”. A narrativa é a alma da reportagem. Ela organiza a experiência, confere forma aos acontecimentos e cria pontes entre o leitor e o mundo. Ao ouvir relatos de pessoas comuns, testemunhar cenas cotidianas e conectar essas vivências com o contexto mais amplo, o repórter realiza algo que, para mim, se aproxima do ato de testemunhar com responsabilidade.

Sodré e Ferrari (1986) falam da importância do “impressionismo” no narrador — e acredito que seja isso que torna a reportagem viva. Não se trata de uma opinião aberta ou de um exagero estilístico, mas de imprimir no texto aquilo que só quem esteve presente pode perceber: o som abafado de uma voz emocionada, o silêncio desconfortável de uma pausa, o brilho nos olhos de quem conta uma memória.

Essa plasticidade da reportagem a torna um gênero difícil de encaixar em moldes fixos. Diversos autores, como Yanes (2004), tentam classificá-la — seja pelo tipo de enunciação, pela profundidade, pela abordagem temática, ou pela mídia em que é veiculada. A reportagem pode ser curta ou longa, objetiva ou poética, explicativa ou descritiva — desde que seja fiel ao que a realidade exige e ao que o público merece.

Yanes fala da reportagem objetiva, de retrospectiva, de investigação, de profundidade — e em cada uma dessas categorias vejo uma ferramenta possível, uma forma de olhar para a realidade com mais tempo e mais atenção. Do mesmo modo, Machado (2012) nos convida a perceber as variações de linguagem, estrutura, e finalidade, o que reforça minha convicção de que a reportagem é também uma forma de artesanaria narrativa.

Mais do que isso: ela dialoga com outros gêneros, como a crônica, o romance, o perfil, o livro-reportagem e até com a etnografia. Essa abertura permite ao jornalista se aproximar de outras formas de conhecimento — e foi assim que comecei a perceber que as barreiras entre jornalismo e literatura, entre técnica e sensibilidade, são menos rígidas do que muitas vezes se prega.

No cenário atual, marcado pela velocidade e pela sobrecarga de dados, a reportagem ganha novos contornos com o apoio da tecnologia. O jornalismo digital em base de dados (Barbosa e Torres, 2013) e as web reportagens — com seus elementos multimídia, interatividade e hiperlinks — oferecem ao leitor novas formas de habitar a narrativa. E mais do que nunca, a reportagem precisa se preocupar com a experiência do leitor, que já não é apenas um espectador, mas muitas vezes um participante da construção do sentido.

A reportagem transmídia, como afirmam Renó e Flores (2012), é talvez a forma mais atual desse espírito narrativo, reunindo conteúdos em plataformas diferentes, mas que se conectam para oferecer uma compreensão mais ampla e mais rica da realidade.

Em resumo, a reportagem é um espaço de profundidade, presença e escuta. Um lugar onde o jornalismo se torna mais do que um registro: torna-se uma narrativa viva, carregada de humanidade e marcada pelo compromisso com a verdade dos fatos e a dignidade das vozes que os revelam.

### **A Entrevista – Encontro que Revela**

A entrevista é um momento de encontro que enriquece a construção da reportagem. Mais do que uma ferramenta de apuração, vejo a entrevista como uma experiência de escuta que transforma o repórter. Há entrevistas em que somos apenas ouvintes, distantes. Mas há outras em que nos envolvemos, partilhamos da emoção do entrevistado, e deixamos de ser apenas repórteres para nos tornarmos também mediadores de sentido.



A entrevista, dentro do contexto jornalístico, cumpre uma função essencial: é o ponto de partida de muitas reportagens e, ao mesmo tempo, pode ser a própria matéria, quando ganha corpo e voz nas palavras do entrevistado. Lage nos lembra que ela pode se apresentar como um gênero informativo, estruturado em perguntas e respostas, ou em uma redação mais livre e discursiva, incluindo perfis e dados biográficos. Em qualquer uma dessas formas, o que importa é a fidelidade ao que foi dito — e ao que foi sentido.

Em minha experiência de entrevistas com mulheres batistas para o longform deste trabalho, pude vivenciar o que Lages (1979) afirma: que a entrevista revela não apenas o que a fonte deseja dizer, mas também aquilo que talvez ela preferisse não revelar. É nesse espaço de escuta atenta e de empatia que mora a potência desse gênero. Não se trata de "arrancar" informações, mas de construir um ambiente onde a confiança permita que a verdade se manifeste — ainda que em fragmentos.

A entrevista vai além do anúncio de um fato, como faz a notícia. Ela se estende, mergulha, dá contexto. Sodré e Ferrari (1986) apontam que esse gênero tem a capacidade de detalhar e interpretar, e isso se alinha ao que venho descobrindo como essencial no jornalismo: o cuidado com o outro e o respeito pela complexidade das histórias.

Há diferentes estilos de entrevista. A clássica, com perguntas e respostas diretas. A entrevista-perfil, que transforma a vida do entrevistado em matéria narrativa, como num retrato literário. Essa última me fascina especialmente porque nos aproxima de uma dimensão mais humana e sensível do jornalismo. É nesse formato que o repórter pode abrir mão da neutralidade aparente e se deixar tocar pela experiência do outro — algo que vivi intensamente ao ouvir relatos que me marcaram profundamente durante esta pesquisa.

A credibilidade da entrevista depende do cuidado com que o repórter traduz as falas e as emoções que lhe foram confiadas. Lage (1979) alerta para a importância da conformidade entre o texto e os fatos, algo que me levou a revisar cada palavra com zelo, garantindo que aquilo que foi dito permanecesse íntegro, mesmo depois de editado.

Ao refletir sobre esse gênero, percebo que a entrevista é, ao mesmo tempo, ferramenta e fim. É meio de apuração, mas também meio de transformação. Cada pessoa entrevistada me ensinou algo. Cada pausa, cada desvio de olhar, cada sorriso emocionado ou lágrima contida se tornaram pistas para entender mais do que palavras poderiam dizer.

## ESTRUTURA DO PRODUTO

Ouvir essas mulheres — suas histórias, suas lutas, suas convicções — foi um verdadeiro aprendizado de vida. Em cada relato, aprendi lições de humildade, perseverança, liderança serviço e fé inabalável. A irmã Natividade, por exemplo, me mostrou como a formação espiritual dentro do lar pode moldar a vocação de alguém ainda na infância, e como o chamado missionário pode nascer de pequenas sementes — como os testemunhos lidos em uma revista. Sua firmeza ao tratar da questão da liderança feminina na igreja, sem antagonismos, mas com serenidade e convicção, foi uma das reflexões mais maduras e inspiradoras que já ouvi sobre o tema.

A irmã Creusa, por sua vez, me ensinou sobre gratidão, afeto e o valor dos vínculos espirituais. Sua história não é apenas de quem foi acolhida por uma família pastoral, mas de quem se tornou parte de uma missão, de uma comunidade, e de uma história de fé construída a muitas mãos. Ver o impacto que o casal Ataíde e Neusa teve em sua formação como pessoa e como cristã foi uma das passagens mais emocionantes de toda a pesquisa. Sua resposta, ao afirmar sem hesitar que tudo valeu a pena, foi um resumo do que significa viver com propósito.

À medida que mergulhava mais profundamente nas entrevistas e nos registros históricos, compreendi que dar visibilidade às mulheres batistas de Imperatriz era uma necessidade urgente. Elas estiveram — e ainda estão — nas bases de tudo: no ensino, no cuidado pastoral não oficial, na organização dos cultos, no discipulado, nas visitas, nas ações sociais e, sobretudo, na sustentação espiritual da igreja. Em muitos momentos, elas assumiram tarefas que iam além do esperado, preenchendo lacunas deixadas por estruturas ainda em formação, sempre com um senso de missão e pertencimento admirável.

Foi impossível não perceber um padrão em seus testemunhos: a ausência de qualquer vitimismo ou desejo de reconhecimento pessoal. Essas mulheres não buscaram holofotes, mas, mesmo assim, seus nomes permanecem vivos na memória da comunidade por causa da constância e da firmeza com que exerceram sua fé. Em um contexto marcado por escassez de recursos, insegurança urbana e limitações sociais impostas à mulher, elas fizeram da fé uma força motriz para a transformação pessoal e coletiva.

A irmã Neusa, por exemplo, não apenas acompanhou o marido em sua missão — ela fundou e consolidou ministérios que permanecem até hoje como pilares da igreja. O grupo de mulheres, que começou com pequenos cultos nos lares, tornou-se um movimento robusto de

formação espiritual, apoio emocional e ação social. Quando ela entregou a liderança desse grupo, havia mais de 80 mulheres ativamente envolvidas em ações regulares. Isso revela não apenas sua capacidade organizacional, mas o respeito e a confiança que conquistou da comunidade. Foi impossível não me perguntar: quantas histórias como essa passam despercebidas apenas porque acontecem longe dos púlpitos e dos livros oficiais?

A pesquisa me levou também a refletir sobre o conceito de liderança. Em diversos momentos, percebi que essas mulheres não se viam como “líderes” no sentido técnico ou eclesiástico da palavra. Para elas, servir era algo natural, consequência de uma vida com Deus. A liderança emergia do exemplo, da constância e do amor ao próximo. Elas assumiam responsabilidades, conduziam estudos bíblicos, cuidavam de outras mulheres e de famílias inteiras, tudo com uma humildade que contrasta com muitos discursos contemporâneos sobre protagonismo feminino. A força delas não está em discursos teóricos, mas em práticas silenciosas que sustentam a igreja em seus momentos mais difíceis.

Outro ponto que me marcou foi o impacto dessas mulheres na formação das novas gerações. A irmã Natividade, como educadora religiosa, destacou o quanto o ensino bíblico infantil e a formação de adolescentes e jovens são essenciais para a continuidade da fé. Ela compartilhou experiências de mais de três décadas dedicadas ao ensino cristão, muitas vezes preparando lições, comprando material com recursos próprios e organizando classes em locais improvisados. Percebi que, por trás de cada jovem firme na fé hoje, há uma ou mais mulheres que se dedicaram intensamente à sua formação.

A irmã Creusa, por sua vez, me revelou um aspecto comovente da maternidade espiritual. Ela foi, de fato, “filha de coração” do casal Ataíde e Neusa, e hoje também é uma “mãe espiritual” para muitos. A rede de afetos criada por esse tipo de relação é uma das maiores riquezas da igreja local, algo que estatísticas e relatórios oficiais jamais conseguirão mensurar. Ao ouvir sua fala carregada de emoção e gratidão, compreendi o poder transformador do acolhimento na vivência da fé. O lar do casal missionário não foi apenas um lugar físico — foi um espaço de formação integral, onde valores cristãos eram vividos no cotidiano, e onde jovens como Creusa e Neci puderam florescer com dignidade e fé.

Esses laços afetivos e espirituais são um elemento que, em minha visão, define a singularidade do movimento batista em Imperatriz. O crescimento da igreja não se deu apenas por estratégias evangelísticas ou pela construção de templos, mas principalmente pelo discipulado relacional, moldado por mulheres que, com seus dons e sua disposição, criaram

ambientes de fé, cuidado e aprendizado. O lar, o presídio, as casas de oração e as reuniões semanais das senhoras eram, todos, extensões do ministério da igreja — e, muitas vezes, eram liderados por elas.

O mais impressionante é que esse protagonismo feminino principalmente da Dona Neusa e irmã Creusa se deu em um tempo em que as estruturas sociais ainda impunham muitas barreiras às mulheres. Não havia incentivos formais, capacitações institucionais ou reconhecimento público. Elas aprenderam fazendo, ensinaram enquanto serviam, e lideraram sem alarde. Tudo o que construíram foi à base da fé, da experiência prática e do desejo sincero de ver o Reino de Deus crescer. Isso reforça a tese de que a atuação das mulheres na igreja não é secundária ou complementar — é central.

Ao longo da pesquisa, meu olhar se ampliou para além do campo histórico. Este projeto passou a ter, também, um caráter espiritual e existencial. Não estou apenas contando uma história — estou sendo transformado por ela. Ao ouvir essas mulheres, aprendi sobre perseverança, sobre entrega silenciosa, sobre serviço como forma de liderança, e sobre como a fé, quando vivida com coerência, se torna uma força geradora de vida e transformação social.

Essas entrevistas também me desafiaram como comunicador. Percebi que havia uma responsabilidade maior do que apenas organizar as informações de forma cronológica ou jornalística. Era preciso dar dignidade a essas vozes, escrever com respeito, cuidado e fidelidade às emoções que elas me confiaram. Cada palavra que registro é uma tentativa de fazer justiça à profundidade dos testemunhos que recebi.

Por fim, entendi que o formato do site — inicialmente visto como algo menor do que o livro — tornou-se, na verdade, a melhor forma de alcançar mais pessoas e dar visibilidade a essas histórias. A leveza, a acessibilidade e a interatividade da plataforma digital permitem que mais mulheres se vejam representadas, que novas gerações conheçam o legado dessas pioneiras, e que o trabalho missionário feminino seja reconhecido como essencial para o florescimento da igreja em Imperatriz.

O projeto que nasceu com o desejo de contar a história de um casal missionário se transformou em uma homenagem coletiva às mulheres batistas que, com coragem e fé, escreveram as primeiras páginas de uma história ainda em construção. E, se hoje podemos contá-la, é porque elas a viveram com autenticidade, paixão e obediência ao chamado de Deus.

Estruturar a grande reportagem em formato longform foi um processo desafiador e, ao mesmo tempo, profundamente gratificante. Depois de decupar todo o material — transcrever

entrevistas, organizar fotos, identificar temas recorrentes e selecionar os trechos mais significativos —, iniciei a construção do texto final com base no referencial teórico já estudado e na observação de outros longforms jornalísticos que me inspiraram em termos de narrativa, ritmo e disposição visual. Por não possuir o conhecimento técnico necessário para desenvolver um site, contei com o apoio de um amigo da área de tecnologia, que gentilmente assumiu a produção da plataforma digital. O resultado desse trabalho colaborativo pode ser visualizado no link [bit.ly/mulher-batista](http://bit.ly/mulher-batista) que leva ao *site-reportagem* desenvolvido para ser uma experiência imersiva e sensível, permitindo ao leitor navegar por diferentes seções, produzido com base na pesquisa sobre o protagonismo feminino na história da Primeira Igreja Batista em Imperatriz. Trata-se de uma plataforma digital em formato *longform*, que reúne entrevistas, textos narrativos, fotografias históricas e registros documentais, com o objetivo de valorizar e dar visibilidade ao trabalho das mulheres batistas na formação espiritual, social e missionária da igreja local.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história dos batistas no Brasil é um exemplo claro de como a fé pode se entrelaçar com o compromisso social, promovendo mudanças significativas tanto no âmbito religioso quanto no contexto mais amplo da sociedade. Desde sua chegada no final do século XIX, com a fundação da primeira igreja batista em Santa Bárbara d'Oeste, até a consolidação da Convenção Batista Brasileira (CBB) em 1907, os batistas se estabeleceram como uma força transformadora no país. Seu compromisso com a evangelização, aliado a ações sociais e educacionais, consolidou uma rede de igrejas e instituições que vão além da dimensão religiosa, impactando diretamente a vida de milhares de brasileiros.

As mulheres marcaram profundamente a história dos batistas no Brasil, que desempenharam papéis cruciais na construção e expansão da denominação. A partir das entrevistas com figuras como Dona Neusa, Creusa, irmã Natividade e muitas outras, podemos perceber a importância vital que as mulheres tiveram, não apenas na formação da igreja, mas também no fortalecimento das ações sociais e educacionais dentro da comunidade. As mulheres, como líderes do Ministério de Mulheres e na União Feminina Missionária Batista, assumiram a responsabilidade de organizar cultos, realizar evangelismos e promover ações de apoio à comunidade, sempre com um olhar voltado para o bem-estar coletivo e a propagação da fé.

A irmã Neusa, por exemplo, foi uma das pioneiras no trabalho feminino em Imperatriz, criando o grupo das senhoras e organizando eventos de grande relevância para o fortalecimento da igreja na região. Seu trabalho incansável e sua fé inabalável foram essenciais para o crescimento da igreja batista no Maranhão. Da mesma forma, irmã Creusa e a irmã Natividade destacam como a liderança feminina é fundamental para o desenvolvimento das atividades missionárias e evangelísticas, sendo um exemplo de comprometimento e dedicação para novos fieis. A ir. Natividade também reflete sobre como, apesar das dificuldades enfrentadas por mulheres no meio religioso, elas conquistaram espaços através da ação e da competência, sem a necessidade de lutar por reconhecimento.

Essas entrevistas evidenciam como as mulheres não só participaram da expansão da Igreja Batista no Brasil, mas foram responsáveis por moldar a igreja em diversos aspectos, desde o apoio espiritual até a construção de uma rede de apoio social e educacional. A contribuição feminina foi e continua sendo essencial, não apenas nas atividades diárias da igreja, mas

também na formação de uma sociedade mais justa e solidária. Portanto, a história das mulheres batistas no Brasil, como exemplificado pelos relatos de Dona Neusa e demais irmãs, é um testemunho da força transformadora da fé e do impacto que elas tiveram e continuam tendo, não só dentro da igreja, mas em toda a sociedade.

Ao concluir esta etapa da pesquisa, posso afirmar que saio transformado. Ouvindo essas mulheres, aprendi que a verdadeira liderança nasce da coerência entre fé e prática. Aprendi que coragem não é ausência de medo, mas fidelidade ao chamado mesmo quando as circunstâncias são difíceis. Aprendi que o serviço, quando feito com amor e entrega, constrói legados que atravessam gerações. E, acima de tudo, aprendi que contar histórias é, também, um ato de fé — fé na memória, na transmissão e no poder transformador do testemunho cristão.

Que esta reportagem possa ser apenas o começo de uma longa jornada de resgate da memória batista em Imperatriz, sempre com os olhos atentos para aqueles que, em silêncio e com firmeza, edificaram a igreja sobre o alicerce de Cristo. E que, assim como essas mulheres inspiraram este projeto, inspirem também outras a seguirem com fé, coragem e disposição para servir.

## REFERÊNCIAS

- BACCIN, A. A narrativa longform em reportagens hipermídia. Estudos em Jornalismo e Mídia, v. 14, n. 1, p. 89-101, jan.-jun. 2017.
- FALCO, A. A união entre o longform e o jornalismo literário. Manuscrita, n. 44, p. 149-160, 2021.
- FISCHER, M. C. Longform: means more than just a lot of words. American Journalism Review, 17 dez. 2013. Disponível em: <https://ajr.org/2013/12/17/longform-means-just-lot-words/>. Acesso em: 10 jul. 2025.
- KISCHINHEVSKY, M. Rádio em episódios, via internet: aproximações entre o podcasting e o conceito de jornalismo narrativo. Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación, v. 5, n. 10, 2018. Disponível em: <http://www.revistaieic.eu/index.php/raeic/article/view/148/153>. Acesso em: 18 fev. 2025.
- LAGE, N. Estrutura da notícia. [S. l.: s. n.], [20--?].
- LAGE, N. IDEOLOGIA E TECNICA DA NOTICIA. Petrópolis: Vozes, 1979.
- LONGHI, R. R. O turning point da grande reportagem multimídia. Revista Famecos, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 897-917, set.-dez. 2014.
- LONGHI, R. R. WINQUES, K. A EVOLUÇÃO MULTIMODAL DO LONGFORM: formatos digitais que consolidam o jornalismo lento. In: Encontro Anual da Compós, 33., 2024, Niterói. Anais [...] Niterói: Compós, 2024. p. 1-18.
- LONGHI, R. R.; WINQUES, K. O LUGAR DO LONGFORM NO JORNALISMO ONLINE: Qualidade versus quantidade e algumas considerações sobre o consumo. Brazilian Journalism Research, v. 11, n. 1, p. 110-127, 2015.
- Marconi, M. A ;Lakatos, E. M.. Fundamentos de metodologia científica. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- MORAES GONÇALVES, E.; DOS SANTOS, Marli; PORTO RENÓ, Denis. Reportagem: o gênero sob medida para o jornalismo contemporâneo. Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación, Quito, n. 130, p. 223-242, dez. 2015.
- SODRÉ, M; FERRARI, M. H. Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.